

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A ficção televisiva e a prevenção do suicídio juvenil

Mariana de Sousa Baptista Fernandes Pereira

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientadora:

Rita Maria Espanha Pires Chaves Torrado da Silva

Professora Auxiliar com Agregação, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2021



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

A ficção televisiva e a prevenção do suicídio juvenil

Mariana de Sousa Baptista Fernandes Pereira

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientadora:

Rita Maria Espanha Pires Chaves Torrado da Silva

Professora Auxiliar com Agregação, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2021

A ti, mãe.

Agradecimentos

Deixo os meus agradecimentos, a(aos)

Ao ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, por me ter proporcionado tão bons momentos de aprendizagem.

À Senhora Professora Rita Espanha, pela disponibilidade e orientação no desenvolvimento deste trabalho e fase de percurso académico.

Aos meus pais, por todo o amor incondicional, apoio e incentivo sempre presentes ao longo de toda a minha vida, e que tanto contribuíram para a conclusão feliz deste trabalho.

E a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta dissertação ou estiveram positivamente presentes no meu percurso académico.

Obrigada.

Resumo

O lançamento da série televisiva da Netflix, *13 Reasons Why*, causou grande impacto e inquietação pública face ao risco de contágio suicida entre adolescentes, particularmente adolescentes vulneráveis a pensamentos suicidas. Investigadores e especialistas na área da saúde mental manifestaram apreensão sobre a série televisiva pelo seu aparente elogio ao suicídio e por supostamente aumentar o risco de suicídio entre adolescentes vulneráveis. No entanto, faltam evidências para a influência do conteúdo de ficção na automutilação. Pouco se sabe sobre as mudanças dos efeitos dos média, particularmente sobre a ficção. A presente dissertação tem como base o estudo de caso da série televisiva *13 Reasons Why* e argumenta sobre a suposição de que o risco de automutilação/suicídio é reduzido pelo controlo da produção do conteúdo na ficção televisiva, dando foco à responsabilidade moral e ética da Netflix. Censurar a ficção pode fazer mais mal do que bem? Terão os produtores de ficção a responsabilidade de criar conteúdos de prevenção e não glorificação do suicídio para proteger os jovens mais vulneráveis? Poderá a ficção ajudar campanhas de prevenção ao suicídio, pais, professores e profissionais de saúde mental a comunicar e compreender melhor os jovens?

Palavras-Chave:

Comunicação e Suicídio; Comunicação e Prevenção; Ficção audiovisual

Abstract

The release of Netflix television series, 13 Reasons Why, caused a big impact and public unease because of the risk of suicidal contagion among teenagers, particularly teenagers who are vulnerable to suicidal thoughts. Researchers and mental health experts have expressed concern about the television series for its apparent eulogy of suicide and allegedly increasing the risk of suicide among vulnerable teenagers. However, evidence about the influence of fictional content on self-mutilation is lacking. Little is known about the changing effects of the media, particularly in fiction. This dissertation is based on the case study of the television series 13 Reasons Why and argues on the assumption that the risk of self-mutilation/suicide is reduced by controlling the production of content in television fiction, focusing on Netflix's moral and ethical responsibility. Can censoring fiction do more harm than good? Do fiction producers have a responsibility to create suicide prevention and non-glorification content to protect the most vulnerable young people? Can fictional content help suicide prevention campaigns, parents, teachers, and mental health professionals to better communicate and understand young people?

Keywords: Communication and Suicide; Communication and Prevention; Audiovisual fiction

Índice

Capítulo 1 - Introdução	1
Capítulo 2 - O Suicídio	3
2.1. Influência e Fatores de Risco	4
2.2. <i>13 Reasons Why</i> – Caso de Estudo	5
2.3. Obrigações Morais e Práticas do Produtor	8
2.4. A Arte de Criar e as Suas Consequências	9
2.5. Suicídio por Contágio	11
2.5.1. Efeito de Werther	12
2.5.2. Provas do efeito de Werther	12
2.6. Suicídio nos Média - Diretrizes da Organização Mundial da Saúde	13
2.7. <i>Trigger Warnings</i> e a série <i>13 Reasons Why</i>	14
2.8. As Séries de Ficção e os Riscos em Saúde Mental	17
Capítulo 3 - A Problemática	21
3.1. Objetivo e Relevância do Estudo	21
3.2. Pergunta de Partida	22
3.3. Opções Metodológicas	22
3.4. Técnica de Recolha de Dados	24
Capítulo 4 - Apresentação e Discussão de Resultados	27
4.1. Apresentação e Análise de Conteúdo	27
4.2. Discussão dos Resultados	30
4.2.1. Censura Audiovisual	30
4.2.2. Consultoria especializada às produtoras	32
4.2.3. Séries educacionais	34
4.2.4. Campanhas de prevenção ao suicídio	38
Capítulo 5 - Notas Finais	41
Referências Bibliográficas	43
Anexos	47
1. Anexo A – Guião de Entrevistas Semi-Estruturadas	47
2. Anexo B – Declaração de Anonimato de Entrevistados	49

CAPÍTULO 1

Introdução

A maioria das pessoas que pensam em suicídio são, em algum ponto, ambivalentes face a tal decisão fatal e irreversível (Weisman A.D, 1972). Essa ambivalência leva naturalmente a uma pergunta raramente feita na literatura: quais são os fatores que levam uma pessoa indecisa ao suicídio, em vez de optar por alguma solução alternativa para o sofrimento?

Num momento de indecisão, um adolescente de hoje, tem dificuldade em assumir que precisa de ajuda. Então, refugia-se nas redes sociais, nos livros e nas séries televisivas, de modo a abstrair-se ou de modo a encontrar uma solução para os seus problemas.

Nas últimas décadas, embora as taxas de suicídio tenham sido relatadas como estáveis ou como em queda em muitos países desenvolvidos, foi observada uma tendência crescente de suicídio entre os jovens¹. Várias possíveis explicações para essas tendências crescentes de suicídio são – a perda de coesão social, rutura das estruturas familiares tradicionais, a crescente instabilidade económica e o desemprego; e o aumento da prevalência de transtornos depressivos².

Os jovens assumem assim, a par com os idosos, a caracterização de grupo de risco, elevando a necessidade de serem observadas as condições necessárias ao seu bem-estar psicossocial.

Até agora, legisladores e defensores da prevenção do suicídio questionaram se a exposição aos média com temas suicidas, seja na televisão, em filmes ou na música, poderia aumentar o risco de suicídio entre os jovens devido à linguagem usada (Pedro, 2020). Considerando que o acesso aos média digitais e redes sociais é comum entre os jovens, por via do acesso facilitado às tecnologias de uso individual, e de que os Média adquirem o posicionamento de influenciadores nos diversos ambientes e formatos digitais e virtuais, interessa compreender até que ponto, fazendo uso de uma estratégia de comunicação direcionada, o suicídio pode ser prevenido neste grupo de risco. Contudo, a relação entre

¹ <https://expresso.pt/internacional/2019-06-18-Taxa-de-suicidio-entre-jovens-nos-EUA-atinge-valor-mais-alto-desde-o-inicio-do-milenio>

² <https://www.publico.pt/2021/03/03/sociedade/noticia/ha-hospitais-jovens-casos-ansiedade-graves-1952713>

os média e as taxas de suicídio também é potencialmente mais complexa. Sabemos pouco sobre como os média desenvolvem e contam histórias específicas sobre o suicídio, e quais os contextos sociais e crenças culturais pré-existentes sobre o suicídio que utilizam nas suas notícias (Coyle, 2002), embora poucos trabalhos tenham examinado esse aspeto do relato dos média sobre o tema.

Nesta investigação pretende-se identificar a relação entre o grau de exposição e acesso aos média, e a sua recetividade e influência que exercem sobre os jovens mais vulneráveis, e como se relaciona com a sua pessoa e as particularidades do seu bem-estar e saúde.

Pretende-se também avaliar o papel e eventual responsabilidade dos Média na comunicação sobre o Suicídio, usando como estudo de caso a série televisiva *13 Reasons Why*. Pretende-se, por último, compreender se os modelos de comunicação atualmente em uso pelos média, podem incorporar de uma forma mais eficiente a prevenção ao suicídio, através de um discurso construído, gerador de reforço positivo psicológico e emocional junto do adolescente mais vulnerável, participando numa resposta mais positiva do jovem aos diversos desafios com que se depara na sua vida.

Foram, também, realizadas seis entrevistas a especialistas da área da comunicação e da área da psicologia e da psicoterapia, de modo a contribuir para um debate mais abrangente sobre a prevenção do suicídio na ficção televisiva.

CAPÍTULO 2

O Suicídio

Dentro de cada um de nós existe o caminho para a compreensão daquilo que é chamada a morte. E, muitas vezes, interrogamo-nos sobre como é que certos indivíduos recorrem à morte para escapar às consequências e às inevitabilidades da vida. A morte, temida por alguns como sendo um ato de querer, como um meio para alcançar um determinado fim, é, muitas vezes, percebido como o fim mais rápido e mais prático para terminar com a nossa dor interior.

O indivíduo que utiliza a morte como um meio para alcançar o fim, efetua o ato de se suicidar. Neste contexto, surgem várias questões, como o porquê e qual o significado para que tal ato tenha ocorrido. Consequentemente, quando se aborda o tema do suicídio, fala-se, naturalmente, do que é a vida, quais são as maneiras mais corretas de se viver e de morrer, e qual é a sua validade e verdadeira razão de acontecer (Daolio, 2009).

O suicídio é uma concepção que abrange todos os acontecimentos que decorrem desde o surgimento do desejo de acabar com a própria vida, toda a sua idealização e construção de um plano, à efetiva tentativa do ato de se suicidar e ao próprio suicídio (Scocco & Leo, 2002).

É difícil afirmar com total certeza qual a razão e a causa para o ato do suicídio, pois este é normalmente o resultado acumulado de inúmeros fatores de origem social, biológica e psicológica, que estão vinculados à personalidade e vivência do indivíduo (Daolio, 2009), tornando o suicídio um ato enigmático e complexo ao olho de outrem.

A palavra “suicídio”, etimologicamente, nasceu do latim e provém de “sui” – de si – e “caedera” – o ato de matar (assassinato), atribuindo um novo significado, a morte de si próprio (Roths, 2006).

Diferentes autores que trabalharam o tema do suicídio, avançam com definições e explicações:

“Se o indivíduo cede ao menor choque das circunstâncias, é porque o estado em que a sociedade se encontra fez dele uma vítima sob medida para o suicídio.” (Durkheim, 2001)

“O suicídio não depende das qualidades congénitas dos indivíduos, mas de causas externas a eles.” (Durkheim, 2001)

O suicídio é, muitas vezes, para Vaz Serra, designado como um comportamento negativo e autodestrutivo: “autodestruição por um ato deliberadamente realizado para conseguir esse fim” (Serra, 2001).

Para Prats (1987), “o suicídio não cabe nas malhas apertadas do saber psiquiátrico, quer na sua vertente psicológica, quer na biológica”.

Muitas têm sido as formas de encarar o suicídio, bem como as várias posições adotadas pela sociedade face à sua realidade, refletindo os seus valores face às múltiplas formas de lidar com a vida e a morte, assim como todas as maneiras de educar as gerações futuras face a este assunto delicado.

2.1. Influência e Fatores de Risco

Os comportamentos suicidas estão relacionados com uma gama vasta de fatores, sejam eles, sociais, económicos e familiares.

Existe a desvantagem social, a separação ou o divórcio dos pais, a exposição a uma psicopatologia parental, o histórico familiar de comportamento suicida, a discordância parental, o histórico abuso físico e / ou sexual durante a infância (Beautrais, 1999).

Para além destes fatores de risco, existe ainda, no mundo atual e tecnológico, o acesso fácil à Internet e a conteúdos suscetíveis a alterações cognitivas, de modo a tornar o indivíduo mais vulnerável ao mundo³.

Atualmente, os jovens já nascem ligados à tecnologia, fazendo com que a sua necessidade e atenção estejam focados somente na vida virtual, mais do que na real⁴. Esta circunstância vai afetar todas as suas ligações sociais reais, dando prioridade às virtuais, originando um défice de atenção profundo face às suas reais necessidades afetuosas, como

³ <https://observador.pt/2021/09/16/jovem-espanhol-hospitalizado-por-vicio-no-videojogo-fortnite/>

⁴ <https://observador.pt/especiais/geracao-z-os-jovens-que-nasceram-na-era-da-internet-da-crise-e-do-terrorismo/>

o carinho, o amor, a compaixão, entre outras emoções e sentimentos necessários, para que a sua humanidade permaneça (Bozza, 2016).

Cada vez mais, os comportamentos e atitudes alteram-se de modo que nos possamos encaixar num mundo multicultural, com vários grupos sociais. E a ficção poderá ser, muitas vezes, uma das influências, para a alteração dos comportamentos dos indivíduos. As redes sociais, as séries de televisão, filmes, e até programas de televisão estão programados para conter sempre a mesma história, um final feliz. E existe, a necessidade da constantemente procura de algo parecido à visão que nos é transmitida. Torna-se muito difícil igualar a “perfeição” que nos é transmitida. Desde a maneira como nos vestimos, como falamos, como interagimos, que acaba por ser influenciada pelas massas. Nascemos numa sociedade estandardizada, de modo que a nossa vida já esteja, de certo modo, prescrita (Brückner H., 2005).

Os meios de comunicação têm uma grande influência no crescimento interpessoal como intrapessoal (Lopes, 2005). Um cérebro em desenvolvimento é uma porta para todas as maravilhas do mundo, mas é também um buraco negro, onde a Internet se aloja, e nos guia para cantos sombrios da sua existência⁵.

Por isso, é necessário observar e perceber que já existem pesquisas efetuadas que demonstram que algumas reportagens irresponsáveis dos média sobre o suicídio estão, frequentemente, associadas a picos na taxa de suicídio entre grupos expostos aos referidos média (Stack, 2003).

Embora esses picos sejam encontrados de forma mais consistente após relatos dos média sobre o suicídio de uma celebridade política ou do entretenimento, estudos também sugerem que artigos proeminentes em jornais locais sobre a morte suicida de um jovem podem contribuir para a emergência de grupos de suicídio de adolescentes (Stack, 2003).

2.2. *13 Reasons Why* – Caso de Estudo

A série televisiva *13 Reasons Why* é baseada numa história fictícia literária, transposta para os ecrãs domésticos, de uma adolescente estudante de 17 anos, Hannah Baker, que faleceu, por motivos de automutilação. Por outras palavras, morreu por suicídio. Contudo,

⁵ <https://www.medicalnewstoday.com/articles/321498>

a jovem deixou como justificção do seu ato, treze gravações de voz, expondo em cada uma delas, um motivo pelo qual escolheu tirar a sua própria vida.

A série provocou um acalorado debate sobre a forma como retrata assuntos delicados, como o suicídio adolescente, a automutilação, violação e o *bullying* (O'Brien, 2017). A primeira temporada gerou críticas pelo seu conteúdo gráfico, tendo como apogeu a cena televisiva em que Hannah se suicida. O lançamento da segunda temporada desta série televisiva da Netflix renovou significativamente a preocupação pública sobre o risco de contágio de suicídio entre adolescentes e introduziu novas críticas sobre a maneira como o programa explora traumas, como o luto, a perda e o desespero entre os adolescentes. Convém não esquecer que “a Netflix é um serviço de *streaming* por subscrição que permite aos membros ver séries de televisão e filmes sem anúncios num dispositivo com ligação à internet.”⁶

A série é uma adaptação de um romance de Jay Asher, de 2016⁷. No enredo original, Hannah tenta o suicídio por *overdose* de pílulas para dormir e, eventualmente, sobrevive à tentativa. No último episódio da primeira temporada da série televisiva, Hannah é vista a cortar a mão com uma lâmina de barbear na banheira e gradualmente sofre, até morrer. Os espectadores experimentam uma descrição visual detalhada e horrível do suicídio, sem transição ou avisos anteriores. A lâmina simplesmente toca na pele e o sangue escorre das feridas. Ela luta para respirar e gradualmente perde a consciência, enquanto a banheira se enche de sangue. A mãe de Hannah encontra-a deitada, inconsciente, na banheira. A mãe quase desfalece e agarra-se a Hannah, enquanto grita por ajuda. Antes de lançar a terceira temporada, a Netflix decidiu, após críticas⁸, editar algumas das cenas consideradas polémicas.

Um estudo publicado pela *JAMA Internal Medicine*⁹ (Ayers, 2017) afirma que as pesquisas por suicídio no motor de busca da Google são um possível indicador de ideação e idealização suicida e que essas pesquisas aumentaram a seguir ao lançamento da série televisiva da Netflix.

⁶ <https://help.netflix.com/pt-pt/node/412>

⁷ https://en.wikipedia.org/wiki/Thirteen_Reasons_Why

⁸ <http://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-149398/>

⁹ <https://jamanetwork.com/journals/jamainternalmedicine/fullarticle/2646773>

Sendo uma série produzida nos Estados Unidos da América, a Associação Nacional de Psicólogos Escolares dos EUA (NASP, 2017) não recomenda que jovens vulneráveis, especialmente aqueles que têm qualquer grau de idealização suicida, assistam a esta série. A sua narrativa, poderosa, pode conduzir os espectadores a romantizar as escolhas feitas pelos personagens e / ou desenvolver fantasias de vingança.

O facto de a Netflix e os seus produtores terem decidido realçar, de forma eufórica, e cheia de pormenores, a vida de Hannah e todo o seu lado negro, acabou por causar um sentimento de exaltação e de relação dos espetadores para com o ecrã, para com a personagem. Sem se aperceber, um espetador, que já se encontre vulnerável, irá identificar-se com as cenas televisivas que mais o afetam (NASP, 2017). Sejam elas, o próprio suicídio retratado na série, sejam as cenas de auto-mutilação, de *bullying* ou de violação.

Em resposta à controvérsia da série televisiva, o British Medical Journal (BMJ), num editorial intitulado 'Suicídio na TV: minimizando o risco para telespectadores vulneráveis' (Arendt, 2017), apelou a uma mais eficiente implementação dos padrões internacionais para alcançar uma melhor regulamentação na maneira como os produtores de televisão e cinema representam o suicídio, na televisão. De acordo com os autores, a série da Netflix pode desencadear comportamentos de automutilação entre os espectadores vulneráveis, ao romantizar o suicídio e retratá-lo como a única opção para lidar com experiências negativas.

Esta série apresenta um quadro composto de sofrimento entre adolescentes e a falta de capacidade de ajuda por parte dos pais e educadores. A questão não é se o programa descreve a realidade ou não, mas sim se a sua popularidade se deve à representação de um aspeto muito importante da vida dos jovens de hoje (Mueller, 2019). Para Wang (2012), os médicos especialistas são praticamente unânimes na visão de que o programa de televisão é um poderoso gatilho para o suicídio de indivíduos suscetíveis e que a moderação na indústria dos média e a criatividade artística devem ser exercidas de modo a prevenir o aumento crescente de casos de suicídio.

A suposição de que a ficção pode instigar diretamente o comportamento suicida é, na melhor das hipóteses, simplista e redutora para as disciplinas que estudam os média e comunicação. A teoria do contágio concentra-se, principalmente, em reportagens dos média não ficcionais (Sisask, 2012) sem fazer qualquer distinção entre a vulnerabilidade individual e o tipo de representação dos média. Isso é, hoje, ainda mais relevante, dado o

surgimento da Internet e o número crescente de plataformas de *streaming* de música ou filmes que podem invocar violência, automutilação ou suicídio (Alao, 2006)

Um estudo recente da *Northwestern University* e financiado pela *Netflix*, intitulado “*Exploring How Teens and Parents Responded to '13 Reasons Why'*” (Lauricella, 2018), analisou uma amostra de 5 000 adolescentes e jovens adultos dos treze aos vinte e dois anos, e respectivos pais residentes nos Estados Unidos da América, no Reino Unido, no Brasil, na Austrália e na Nova Zelândia, para determinar como o público interpretou, se relacionou e como foi influenciado pelo programa em causa. Os dados sugeriram que o programa gerou conversas entre adolescentes e pais sobre *bullying*, suicídio e saúde mental. O estudo também relatou que pais e adolescentes estavam interessados em encontrar mais informações sobre o assunto. Mais importante ainda, o programa levou os adolescentes a demonstrar mais empatia pelos seus colegas. A pesquisa não incluiu perguntas para avaliar se assistir ao programa encorajava pensamentos suicidas.

2.3. Obrigações Morais e Práticas do Produtor

A série televisiva *13 Reasons Why*, é um exemplo adequado que fornece razões para o escrutínio ético por detrás das opiniões conflituosas sobre qual é o curso de ação correto para os produtores televisivos. Os produtores deparam-se com uma situação em que, por um lado, os seus interesses são a criação de uma série para o entretenimento dos telespectadores. Os média de entretenimento podem também ter um interesse específico em marketing no sentido de gerar polémica, provocar reações emocionais e, ao mesmo tempo, aumentar a consciencialização sobre assuntos considerados tabu. Por outro lado, ao continuar a produzir esse tipo de conteúdo, os produtores tendem a ignorar as preocupações éticas e de saúde dos educadores, dos conselheiros escolares e especialistas em saúde mental. Nenhuma norma ética pode defender a ação de um produtor com a intenção de encorajar ou incitar a automutilação (Christians, 2015). Mesmo que a intenção do produtor seja moralmente boa, deve-se considerar as decisões éticas a serem tomadas ao retratar esse tipo de história.

A ética dos média ajuda-nos a refletir sobre o que é considerado correto e o que é considerado errado dentro das escolhas feitas pelos profissionais na área da comunicação e do cinema. A responsabilidade ética de um produtor de programas de televisão cruza-

se com a tradição de análise dos efeitos dos média: os potenciais danos causados pela ficção, o uso de táticas enganosas para proteger um público e a prevalência crescente de conteúdo que romantiza o suicídio ou a automutilação são exemplos de questões éticas, são efeitos dos meios de comunicação (Krijnen, 2011).

A obrigação de não causar danos efetivos na vida dos espectadores, é uma fonte de preocupação ética, uma vez que qualquer intervenção comunicativa, incluindo um programa de televisão, prejudica um indivíduo ou vários, direta ou indiretamente, por meio de motivos fisiológicos, culturais, sociais ou psicológicos. Por exemplo, devido a um programa de televisão ou conteúdo específico, as pessoas podem desenvolver ansiedade, desencadeada por algumas mensagens de risco transmitidas no programa que estão a ver. Além disso, um programa de televisão pode, sem saber, estigmatizar algumas populações ao descrever continuamente as suas condições médicas de forma pejorativa. O desenvolvimento desta obrigação pode, portanto, exigir uma consideração digna das seguintes questões: (1) O produtor forneceu uma advertência adequada, de modo que cada pessoa possa decidir se rejeitará o conteúdo ou não? (2) A automutilação é representada como um resultado inevitável ou desejável, ou uma solução para desafios pessoais? (3) É necessário incluir uma imagem gráfica detalhada de automutilação? (4) Existe algum uso melhor para a automutilação no roteiro?

Segundo Guttman (2000), todos os produtores estão dentro de um sistema de obrigações. Têm o objetivo de atingir um elevado número de visualizações do seu conteúdo, causando, ao mesmo tempo, impacto, seja ele negativo ou positivo. Contudo, têm responsabilidades para com os seus espectadores: a proteção e promoção do bem-estar das pessoas, em todos os níveis, incluindo pessoal, família, comunidade e sociedade (Guttman, 2000). Por exemplo, no caso do suicídio de Hannah, o dilema central é se e como os produtores podem aumentar a conscientização sobre assuntos como saúde mental sem causar danos. Além disso, a posição dos escritores, produtores e realizadores é muito delicada, considerando que eles devem compreender e cumprir para com a linha ténue que separa o entretenimento e a realidade.

2.4. A Arte de Criar e as Suas Consequências

Os produtores podem criar cenas polémicas se acreditarem que são necessárias para criar fortes reações nos telespectadores ou para iniciar uma discussão. No entanto, o episódio

da morte de Hannah inclui uma descrição, passo a passo, de um suicídio, que pode ser visto como um manual - orientação sobre como cometer suicídio sozinho, em vez de como obter ajuda. Os espectadores que sofreram algum trauma emocional ou depressão podem ser mais vulneráveis a filmagens intencionalmente ricas em detalhes gráficos desnecessários. Este tipo de filmagem pode inspirar espectadores vulneráveis a imitar os comportamentos de automutilação e suicidas (Rosa, 2019). Obviamente, um produtor não pode ser culpado pelos problemas emocionais e comportamentais pré-existentes que afligem crianças e adolescentes. No entanto, será que isso significa que os produtores devem manter a distância de qualquer enredo dramático por causa das potenciais consequências sobre os espectadores vulneráveis?

A liberdade de expressão artística é um princípio que deve ser defendido¹⁰, mas retratar cenas explícitas de suicídio e também de agressões sexuais de adolescentes não é respeitar os interesses daqueles que podem ser afetados negativamente por tais cenas¹¹. O risco da influência da televisão na vida de indivíduos vulneráveis representa um dilema ético para os produtores de programas de entretenimento. Devem ter liberdade artística para desenvolver espetáculos de qualidade que reflitam as realidades da sociedade contemporânea, sem esquecer a sua responsabilidade moral¹². Os produtores têm a obrigação moral de reduzir o potencial dano que poderá causar aos espectadores vulneráveis e, quando decidem publicar conteúdos polémicos, também têm a responsabilidade de educar e apoiar os espectadores que possam ter dificuldades¹³. No geral, um produtor pode estar a encorajar as pessoas a serem abertas e a procurar ajuda, enquanto limita o uso de detalhes gráficos para retratar comportamentos que podem ser prejudiciais ao público¹⁴.

Um conjunto de médicos enfatizaram como o programa amplificou falsamente as ações do ambiente externo de Hannah, enquanto ignorava completamente os problemas psicológicos internos que ela pudesse ter (Wetherall, 2017). Para aqueles com doenças

¹⁰ <https://www.parlamento.pt/Legislacao/paginas/constituicaoerepublicaportuguesa.aspx#art70>

¹¹ <https://theconversation.com/13-reasons-why-when-a-tv-series-sheds-light-on-gender-violence-and-harassment-at-school-77061>

¹² <https://blogs.lse.ac.uk/parenting4digitalfuture/2020/07/22/the-ethics-of-creating-controversial-media-content/>

¹³ idem

¹⁴ <https://www.cedars-sinai.org/newsroom/roberta-hedrick-13-reasons-why/>

mentais pré-existentes, essas lutas internas desempenham um papel importante, e os estudiosos sublinharam o perigo de que pessoas que sofrem de pensamentos suicidas possam estar especialmente em risco de imitar o suicídio retratado na série televisiva (Campo, 2018), quando o suicídio é representado como um ato de vingança contra seus pares, pois pode representar o suicídio como um meio de alcançar fins significativos (Knopf, 2017). No entanto, o espectador é convidado a simpatizar com a decisão de Hannah de acabar com sua vida? Ou o espectador é convidado a refletir sobre os problemas dos adolescentes na era das redes sociais? A série envolve diversidade, conformidade, a luta para alcançar padrões impossíveis comparando-se com os outros e como os meios de comunicação social podem ser um terrível novo veículo para a intimidação e para a vergonha. Ao mesmo tempo, deve-se enfatizar que a Netflix deve ter mais cuidado com as simplificações da complexidade das doenças mentais (Zimmerman, 2018) e não deve perpetuar estereótipos (Payne, 2008), como a mulher suicida adolescente que está instável e deprimida.

Em resposta às críticas, a Netflix criou um guia de visualização para download, o **13reasonswhy.info**¹⁵, para ajudar pais e adolescentes a falar sobre os temas difíceis da série televisiva. A Netflix também incluiu um vídeo de aviso antes de cada episódio para alertar os espectadores sobre os tópicos delicados em questão e direcioná-los aos recursos necessários. A segunda temporada apresentou um novo pós-série apresentando os atores, especialistas e educadores discutindo os temas mais delicados dos episódios. Essas iniciativas são louváveis e visam educar o público sobre estratégias práticas que podem ajudar a prevenir o suicídio. Ainda assim, as tentativas de fornecer apoio a espectadores vulneráveis devem ser conduzidas por um compromisso ético para com o público, em vez da preocupação pública ou pânico moral pelo contágio do suicídio.

2.5. Suicídio por Contágio

O suicídio, como qualquer método de finalizar com a vida humana, é retratado nos meios de comunicação, muitas vezes, de uma maneira mais marcante por forma a causar um grande impacto aos telespectadores. Contudo, os média têm uma responsabilidade e uma grande influência para com os seus espectadores, especialmente nos dias de hoje, em que

¹⁵ <https://13reasonswhy.info/>

crianças e adolescentes passam grande parte do seu dia a olhar para ecrãs, procurando entretenimento¹⁶.

No caso da série *13 Reasons Why*, como outra série televisiva que represente um suicídio ou outro método de finalizar com a vida humana, a influência é ainda maior, especialmente quando retrata pessoas mais vulneráveis, podendo, então, ter consequências graves, como o efeito de Werther.

2.5.1. Efeito de Werther

O efeito de Werther teve origem no romance de Johann Wolfgang von Goethe, *The Sorrows of the Young Werther*¹⁷, em que a personagem principal se suicida. Após a sua publicação em 1774, ocorreu um aumento de suicídios entre os jovens leitores do livro¹⁸, e refere-se ao facto de as taxas de suicídio aumentarem após um suicídio altamente divulgado (Almeida, 2000).

O efeito contagioso, após o lançamento deste livro, indicia que o contágio do suicídio ocorre não apenas quando os relatos de suicídio são reais, mas aparentemente também são ficcionais.

2.5.2. Provas do efeito de Werther

Os termos “contágio” ou “sugestão de suicídio” e “suicídio imitador” são sinónimos comuns para o efeito Werther. O artigo “The Influence of Suggestion on Suicide” de Philips (1974), revelou que, à medida que as histórias de primeira página sobre suicídio aumentam, as taxas de suicídio também aumentam. Por exemplo, depois do suicídio de Marilyn Monroe ter sido divulgado, “as taxas de suicídio aumentaram nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha em 12,04% e 8,83%, respetivamente” (Phillips, 1974). Philips também descobriu que as taxas de suicídio eram maiores durante o mês em que as histórias aparecem e no mês seguinte. Pesquisas subsequentes descobriram uma ligação entre as taxas de suicídio e suicídio de celebridades, cobertura do suicídio nos média e relatos fictícios de suicídio (Mueller, 2015). Noutras palavras, quanto mais pessoas são expostas a um determinado suicídio, maior a probabilidade de tentarem o suicídio ou se suicidarem.

¹⁶<https://www.natgeo.pt/familia/2020/05/alternativas-para-as-criancas-nao-estarem-sempre-a-olhar-para-ecras>

¹⁷ https://en.wikipedia.org/wiki/The_Sorrows_of_Young_Werther#Cultural_impact

¹⁸ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45064888>

Considerando a pesquisa citada, o Efeito de Werther parece sugerir que há um risco de aumento significativo de suicídios após o lançamento da série *13 Reasons Why*¹⁹. Isso tem implicações sérias, considerando que o programa foi comercializado para adolescentes que são ainda mais propensos do que os adultos a experimentar a idealização suicida após serem expostos ao suicídio ou a uma tentativa de suicídio (Mueller, 2015).

Os adolescentes, muitas vezes em busca de integração social e com maior desejo de aceitação, são mais propensos a serem influenciados. Uma série de outros fatores - por exemplo, identificação com o protagonista (Till, 2018) - pode tornar as pessoas mais vulneráveis ao conteúdo de ficção, como é o caso da série *13 Reasons Why*, onde a protagonista se suicida.

2.6. Suicídio nos Média - Diretrizes da Organização Mundial da Saúde

Existem cinco características nas notícias dos média que contribuem para o aumento de suicídios: a quantidade de relatórios, o foco dos relatórios (ou seja, os suicídios efetivos versus a tentativa de suicídio), o método de suicídio, a proeminência do suicídio (ou seja, artigo de primeira página) e a ficção do suicídio relatado (Niederkröthaler, 2010).

Embora seja importante para os média aumentar a consciencialização sobre o suicídio, é igualmente importante que eles próprios não criem, inadvertidamente, um efeito de contágio.

Nesse sentido, em 2008, a Organização Mundial da Saúde lançou um conjunto de diretrizes para os profissionais dos média (WHO, 2008) para limitar o número de suicídios de imitação. Essas diretrizes incluíam: “Evitar a descrição implícita do método usado numa tentativa de suicídio consumada” (p. 8) e “Exercício de precaução no uso de fotos ou vídeos” (p. 9). O motivo pelo qual essas diretrizes foram estabelecidas é para garantir que os indivíduos não consigam repetir ou copiar a maneira como um indivíduo em questão na notícia cometeu ou tentou o suicídio. Isso é especialmente comvente porque estudos indicaram que detalhes explícitos relacionados a um suicídio levam a um aumento nas taxas de suicídio (Niederkröthaler, 2010).

¹⁹ <https://www.noticiasao minuto.com/lifestyle/1421114/efeito-de-werther-ou-suicidio-por-imitacao-saiba-mais-sobre-o-fenomeno>

Porém, essas diretrizes são específicas para os média noticiosos e não para os de entretenimento. Tal coloca-se como um problema quando programas e séries televisivas populares, como a *13 Reasons Why*, são lançados e mostram suicídios com detalhes gráficos. Embora a Netflix não seja obrigada a seguir as diretrizes da WHO, parece ser importante aumentar a consciencialização relativamente às consequências de conteúdo suicida gráfico, em séries de ficção.

2.7. *Trigger Warnings* e a série *13 Reasons Why*

Os *trigger warnings* poderão ser caracterizados por “professores que oferecem notificação prévia de um tópico educacional para que os alunos se possam preparar ou evitar o sofrimento que é automaticamente evocado por aquele tópico devido a problemas de saúde mental clínica”²⁰. Embora esta definição seja específica para ambientes escolares, ela pode ser generalizada para outras situações, definindo os alertas como qualquer notificação prévia sobre tópicos ou estímulos que podem conduzir ao sofrimento de qualquer indivíduo.

Em resposta à reação contra a representação de agressão sexual e suicídio em *13 Reasons Why*, a Netflix anunciou que adicionaria novos *trigger warnings*, para o início de cada episódio, em todas as temporadas²¹, com a duração de um minuto, onde os atores principais fornecem uma descrição geral dos possíveis acontecimentos negativos nos episódios e aconselham os indivíduos mais vulneráveis a ver a série acompanhados por um adulto. As advertências fazem referência a depressão, ao suicídio, a agressão sexual e a violação. A Netflix, resolveu, também, retirar a cena em que a personagem principal se suicida²² devido ao retorno negativo que recebeu e de modo a proteger os seus visualizadores.

Embora a Netflix só tenha integrado os *trigger warnings* no início de cada episódio, o espetador está, na mesma, desprotegido das cenas mais negativas. Por isso, vários es-

²⁰ <https://www.psychologicalscience.org/news/releases/trigger-warnings-fail-to-help.html>

²¹ <https://www.nytimes.com/2017/05/02/arts/television/netflix-to-add-warning-to-start-of-13-reasons-why.html>

²² <https://www.dn.pt/cultura/netflix-retira-cena-de-suicidio-da-primeira-temporada-de-por-treze-razoes-11116609.html>

petadores, para ajudar outros, fizeram as suas próprias listas de *trigger warnings*, formando, praticamente, uma comunidade de ajuda. Como exemplo, a conta pública do Twitter - sav (she/they) @lovesickpalaces²³ – fez uma lista²⁴ de *trigger warnings* relativamente à segunda temporada da série *13 Reasons Why*.

Disponível online para qualquer indivíduo, encontramos as seguintes listas:

²³ <https://twitter.com/lovesickpalaces>

²⁴ <https://twitter.com/lovesickpalaces/status/997759633325359104>

13 Reasons Why Season 2 Trigger Warnings:

Episode 1:

- Mention of Self-Harm (**5:39 - 6:20**)
- Gun Violence (**11:55 - 12:25**)
- Victim Blaming/Mention of Rape (**23:13 - 23:47**)
- Victim Blaming/Hanging (**55:18 - 55:37**)

Episode 2:

- Mention of Rape/Trauma (**19:10 - 19:32**)
- Victim Blaming/Mention of Rape (**30:26 - 31:19**)
- Mention of Rape (**34:46 - 34:53**)

Episode 3:

- Mention of Self-Harm (**5:27 - 6:13**)
- Victim Blaming (**12:56 - 13:17**)
- Rape Flashback (**23:53 - 24:22**)
- Drug Abuse (**52:35 - 53:21**)

Figura 1 - Lista não oficial de trigger warnings da segunda temporada da série 13 Reasons Why, produzido por: sav (she/they) @lovesickpalaces - Twitter

Episode 4:

- Drugs (**1:18 - 2:23**)
- Vomiting (**5:30 - 5:40**)
- Sexual Assault Flashback (**14:28 - 14:42**)
- Sexual Assault (**31:53 - 32:25**)
- Vomiting (**40:44 - 40:47**)
- Gun Violence (**42:17 - 43:58**)

Episode 5:

- Vomiting (**25:25 - 25:32**)
- Mentions of Rape, Alcohol Abuse, and Drug Abuse (**42:41 - 43:42**)

Episode 6:

- Gun Violence (**36:26 - 37:38**)
- Graphic Mention of Rape (**40:40 - 41:34**)

Episode 7:

- Rape Flashback (**27:03 - 27:28**)
- Graphic Mention of Suicide (**42:44 - 42:58**)

Figura 2 - Lista não oficial de trigger warnings da segunda temporada da série 13 Reasons Why, produzido por: sav (she/they) @lovesickpalaces - Twitter

Episode 8:

- Victim Blaming/Mention of Rape (**9:39 - 9:46**)
- Gun Violence (**24:07 - 25:56**)
- Drug Abuse/Vomiting (**39:37 - 40:35**)

Episode 10:

- Victim Blaming/Graphic Depiction of Rape (**48:44 - 50:48**)

Episode 11:

- Mention of Rape/Graphic Depiction of Rape (**5:13 - 6:15**)
- Mention of Rape/Graphic Depiction of Rape (**21:59 - 23:48**)
- Gun Violence/Mention of Rape (**38:48 - 40:26**)
- Mention of Rape (**46:00 - 46:18**)
- Rape Flashback (**47:55 - 48:56**)
- Mention of Rape/Gun Violence (**52:06 - 54:18**)

Figura 3 - Lista não oficial de trigger warnings da segunda temporada da série 13 Reasons Why, produzido por: sav (she/they) @lovesickpalaces - Twitter

Episode 12:

- Gun Violence (**2:16 - 3:02**)
- Mention of Rape (**20:11 - 21:42**)
- Mention of Rape/Drug Abuse (**22:14 - 23:52**)
- Gun Violence (**31:24 - 31:59**)
- Gun Violence (**35:01 - 35:43**)
- Mention of Rape (**39:16 - 40:30**)

Episode 13:

- Mentions of Rape (**2:10 - 6:15**)
- Graphic Rape Scene (**39:02 - 39:37**)
- Drug Abuse (**43:46 - 44:21**)
- Gun Violence (**1:02:18 - 1:06:40**)

Figura 4 - Lista não oficial de trigger warnings da segunda temporada da série 13 Reasons Why, produzido por: sav (she/they) @lovesickpalaces - Twitter

2.8. As Séries de Ficção e os Riscos em Saúde Mental

De uma perspectiva artística, é inegável que as personagens e a narrativa da série *13 Reasons Why* são convincentes, e é compreensível que os adolescentes sejam atraídos por isso. Além disso, os tópicos sensíveis levantados (ou seja, *bullying*, agressão sexual, uso de substâncias, suicídio) são importantes e não devem ser ignorados²⁵.

Todavia, o dilema fundamental é se e como os média de entretenimento podem aumentar a consciencialização sobre problemas graves de saúde mental entre os jovens - sem causar qualquer tipo de danos.

Um grupo de alunos do ensino secundário da Oxford High School, em Michigan, nos Estados Unidos da América iniciou um programa chamado “13 Razões Porque Não” (“13 Reasons Why Not”), projetado para aumentar o debate real sobre estratégias para adolescentes obterem apoio de colegas e adultos²⁶. Os profissionais de saúde que trabalham com adolescentes na escola, dentro da comunidade e em ambientes clínicos devem estar cientes do impacto potencial deste tipo de série televisiva para adolescentes e jovens-adultos. Eles devem estar bem preparados para oferecer orientação profissional e recursos nessas circunstâncias.

De seguida, estão representados treze motivos (uma analogia face à *série 13 Reasons Why*) pelos quais, adolescentes, adultos, profissionais de saúde e da área da comunicação, deveriam prestar atenção antes de ver esta série (Jacobson, 2017):

1. “A série romantiza o suicídio, que coloca jovens espectadores em risco de contágio de suicídio. Sabemos, por pesquisas citadas, que representações dramatizadas de suicídio na televisão e no cinema podem levar ao aumento das taxas de suicídio e tentativas de suicídio usando os mesmos métodos exibidos na televisão. Além disso, o impacto é intensificado quando o suicídio é apresentado na ausência de informações sobre doenças mentais.” (idem: 1);

²⁵ <https://www.zurinstitute.com/issues-facing-teenagers/>

²⁶ <https://www.washingtonpost.com/news/inspired-life/wp/2017/05/09/13-reasons-why-not-students-share-personal-struggles-with-whole-school-in-effort-to-prevent-suicide/>

2. “Concentra-se em culpar os outros, em oposição a reconhecer que mais de 90 por cento dos indivíduos que cometem suicídio realmente lutaram contra um transtorno mental.” (idem: 1);
3. “A série minimiza as distorções cognitivas da depressão, e em vez disso, sugere repetidamente que o suicídio foi a “escolha” racional da protagonista, a fim de escapar da dor emocional causada por outros ou talvez, mais provocativamente, para se vingar daqueles que a injustiçaram.” (idem: 1);
4. “As imagens de automutilação e o próprio suicídio são perturbadoras e extremamente gráficas. Isso é conhecido por aumentar o risco de imitação. Felizmente, a maioria dos jovens não se tornará suicida depois de ser exposto ao suicídio. Dito isso, sabemos que um pequeno subconjunto de adolescentes mais vulneráveis, especialmente aqueles que lutam com problemas de saúde mental, correm maior risco.” (idem: 1);
5. “Existem cenas prolongadas de violação (sim, mais de uma, e de múltiplas perspectivas) que são desnecessariamente detalhadas e potencialmente traumatizantes para aqueles com histórico de violação que estejam a ver a série.” (idem: 1);
6. “Existem discussões e lutas que são gratuitamente violentas e, provavelmente, emocionalmente angustiantes, especialmente para jovens intimidados e traumatizados.” (idem: 1);
7. “A estratégia de intervenção pós-suicídio da escola está longe de seguir diretrizes ou padrões nacionais baseados em evidências. Por exemplo, permitir que o armário de Hannah se torne um mini-santuário, cria a longo prazo, inevitavelmente, um ambiente emocional de lembrança face ao suicídio, que os especialistas alertam que poderia ser internalizado por jovens particularmente vulneráveis como um meio de ganhar reconhecimento.” (idem: 1);
8. “A série retrata a liderança da escola como vilões preocupados principalmente com as implicações legais do suicídio, ao contrário de realmente reconhecerem que os professores e os administradores escolares são um recurso de suporte, como, também, parte importante da comunidade escolar.” (idem: 1);

9. “A série brinca e menospreza o papel do conselheiro escolar, mais uma vez sugerindo que os adultos são de alguma forma incapazes de realmente ouvir os jovens em risco.” (idem: 1);
10. “O suicídio é um tópico muito perigoso para se usar no entretenimento. Hannah é considerada uma exilada na escola, mas caracterizam-na como incrivelmente bonita, perfeitamente penteada, invejada pelos colegas, sempre rápida com respostas sarcasticamente espirituosas e só começa a mostrar leves sinais de perturbação (olheiras, cabelo despenteado, irritabilidade, falta de esperança) no dia do seu suicídio.” (idem: 1);
11. “Menospreza o papel dos pais. Os pais precisam de saber que existem recursos de saúde mental para apoiar as famílias quando os jovens estão vulneráveis e que as intervenções de saúde mental são baseadas em evidências e são eficazes.” (idem: 1);
12. A forma como a série é produzida e divulgada, transforma os adolescentes no público-alvo. Todavia, o conteúdo é apresentado de uma forma muito adulta.” (idem: 1);
13. “Esta série tinha um real potencial para fazer a diferença - para reduzir o estigma da doença mental, promover cuidados de saúde mental e informar o público sobre os sinais e sintomas de depressão. Mas ficou aquém e é necessário melhor nesse aspeto.” (idem: 1).

CAPÍTULO 3

A Problemática

O mundo contemporâneo é, também, caracterizado pelas profundas mudanças que a internet e a televisão trouxeram. Entre a globalização, os progressos tecnológicos e o desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, o mundo está em constante transformação²⁷.

A televisão, desde o seu surgimento, passou por várias transformações, transitando do preto e branco inicial para a imagem a cores, do mudo para o som da mais elevada e pura qualidade, alterando o seu formato físico de acordo com as novas conceptualizações do espaço, do funcionalismo e da estética²⁸.

Os meios de comunicação, sejam eles tradicionais ou em rede, são entendidos como entidades próprias com vários objetivos, como entreter e informar a população, existindo uma interligação e co-dependência entre os dois lados²⁹.

Nesse sentido e contexto, a qualidade dos serviços prestados pelos meios de comunicação, neste caso, a televisão e as aplicações de *streaming*, poderá depender da capacidade de compreensão que os produtores e realizadores de conteúdos têm dos seus públicos em geral e da acrescida vulnerabilidade psicológica de alguns grupos em particular, designadamente adolescentes e crianças, mais suscetíveis à influência³⁰.

3.1. Objetivo e Relevância do Estudo

Nesta pesquisa pretendeu-se identificar a relação do grau de exposição e acesso aos média, demonstrando a recetividade e influência que os modelos de comunicação atualmente em uso pelo sector exercem sobre os jovens mais vulneráveis, na relação com a sua pessoa

²⁷ <https://www.bbvaopenmind.com/en/articles/first-the-media-then-us-how-the-internet-changed-the-fundamental-nature-of-the-communication-and-its-relationship-with-the-audience/>

²⁸ <https://www.insider.com/the-evolution-of-tvs-through-the-decades>

²⁹ <https://rockcontent.com/br/blog/meios-de-comunicacao/>

³⁰ <https://www.publico.pt/2020/08/15/culturaipsilon/noticia/tabu-desmistificacao-saude-mental-ficcao-televisiva-1927159>

e as particularidades do seu bem-estar e saúde, usando como exemplo a série televisiva *13 Reasons Why*.

As interações e a co-dependência entre os telespectadores e o setor da televisão, dos criadores de conteúdo e produtores, requerem uma atenção acrescida na capacidade de gerir os conteúdos disponíveis ao público, de modo a torná-los uma mais-valia, tanto para os próprios telespetadores como para toda a produção por detrás de um programa televisivo.

O estudo da relação que o setor comunicativo e audiovisual estabelece com os seus utilizadores, assim como os reflexos que isso tem na sua organização e na qualidade dos serviços prestados, assume-se como uma necessidade para uma melhor compreensão do fenómeno televisivo e para o melhorar.

O facto de não serem conhecidos estudos dentro desta realidade foi um motivo adicional para a realização desta investigação, tornando-a, assim, pertinente.

3.2. Pergunta de Partida

“A investigação científica é um processo que permite resolver problemas ligados ao conhecimento dos fenómenos do mundo real no qual nós vivemos. É um método particular de aquisição de conhecimentos, uma forma ordenada e sistemática de encontrar respostas para questões que necessitam duma investigação.” (Fortin, 2003)

Como mote inicial, colocou-se a pergunta:

“Qual o papel da ficção televisiva na prevenção do suicídio juvenil?”

Utilizou-se, como caso de estudo, a série televisiva *13 Reasons Why*.

3.3. Opções Metodológicas

“Fazer investigação significa desenvolver um trabalho para melhor se conhecer um determinado fenómeno.” (D'Oliveira, 2007)

Nesta pesquisa, o método escolhido para recolha e, seguidamente, para o processamento e análise do conteúdo obtido, foi o método qualitativo.

Para Bogdan (1994), “na investigação qualitativa a fonte direta dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal”. Para este autor, “os dados recolhidos são (...) ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outros sim, formuladas com o objetivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.” (Bogdan, 1994)

Todo o trabalho produzido assumiu as características de um estudo de caso, sobre a série televisiva “13 Reasons Why”, inserindo-se numa análise descritiva e interpretativa, tal como é apresentado por Bogdan e Biklen (1994).

Para Fortin (2003: 164), “o estudo de caso consiste numa investigação aprofundada de um indivíduo, de uma família, de um grupo ou de uma organização.”. Relativamente às vantagens do estudo de caso, para Fortin (2003: 166), “a informação detalhada que se obtém sobre um fenómeno (...) a análise completa que produz permite extrair ideias, ligações entre variáveis (...)”.

As entrevistas foram a ferramenta selecionada para ir ao encontro dos objetivos desta dissertação. Procurou-se, também, comparar as perspetivas dos diferentes intervenientes entrevistados, de modo a obter respostas mais concretas sobre o caso de estudo e as questões em aberto.

De forma a preservar o anonimato dos intervenientes, os profissionais de saúde intervenientes são designados por A1, A2 e A3 e os intervenientes da área da ficção televisão e da comunicação são designados por B1, B2 e B3.

“Ao contrário do inquérito por questionário, os métodos de entrevista caracterizam-se por um contacto direto entre investigador e os seus interlocutores (...) Instaura-se assim, em princípio, uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas perceções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências, (...) o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objetivos da investigação e permite que o seu interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade.” (Quivy, 1992)

Para Foddy (1996: 249), as vantagens da utilização da entrevista é “o facto de que os erros de interpretação são (...) facilmente detetáveis, uma maior eficácia na descoberta de informações sobre temas complexos e carregados de emoção, assim como na análise de sentimentos.”.

Segundo Quivy e Campenhoudt, (1992: 196), a utilização de entrevistas está, “sempre associado a um método de análise de conteúdo. Durante as entrevistas trata-se, de facto, de fazer aparecer o máximo possível de elementos de informação e de reflexão, que servirão de materiais para uma análise sistemática de conteúdo”.

A escolha da utilização de entrevista para recolha de informação nesta pesquisa parte da base da interação humana, necessária para a obtenção de resultados, ideias e valores³¹, fundamentais para esta pesquisa.

3.4. Técnica de Recolha de Dados

Relativamente às entrevistas feitas, teve-se em consideração as diretrizes propostas por Carmo e Ferreira (1998). Assim sendo, antes das entrevistas foram estabelecidos os objetivos a alcançar e partiu-se para a elaboração do guião para as entrevistas (Carmo, 1998).

A escolha para o presente trabalho incidiu sobre a entrevista semidiretiva, segundo Quivy e Campenhoudt (1992) ou, semiestruturada como referem Bogdan e Biklen (1994).

Para Quivy e Campenhoudt (1992), este tipo de entrevista, é “certamente a mais utilizada em investigação social (...), o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. (...) Tanto quanto possível, «deixará andar» o entrevistado para que este possa falar abertamente (...) O investigador esforçar-se-á simplesmente por reencaminhar a entrevista para os objetivos” (1992: 194)

Priorizaram as entrevistas semiestruturadas, porque se fica “com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos” (Bogdan e Biklen, 1994: 135), e para isso foi

³¹ <https://www.linkedin.com/pulse/o-poder-das-intera%C3%A7%C3%B5es-humanas-andrio-ferreira/?originalSubdomain=pt>

construído o guião da entrevista que será igual para os seis intervenientes (Anexo A), validado pela orientadora da investigação.

Como referem Ghiglione e Matalon (1993: 97), “a entrevista semi-directiva é (...) adequada para aprofundar um determinado domínio, ou verificar a evolução de um domínio já conhecido.” (Ghiglione, 1993)

Para a transcrição precisa das respostas obtidas durante das entrevistas, optou-se, neste estudo, pela gravação das entrevistas de forma a evitar qualquer equívoco durante as mesmas: “o único modo (...) é registá-las durante a entrevista, mediante anotações ou com o uso de gravador. A anotação posterior à entrevista apresenta dois inconvenientes: os limites da memória humana (...) e a distorção” (Gil, 1999)

Sugerido por Carmo e Ferreira (1998), os intervenientes foram, antecipadamente, comunicados, de forma a confirmar e a agradecer a sua disponibilidade para as entrevistas.

Após cada interveniente ter aceitado participar na entrevista, foi disponibilizada uma declaração de autorização da gravação da entrevista e para a sua utilização em contexto exclusivamente académico, onde foi garantido o anonimato (Anexo B).

No início de cada entrevista, teve-se em consideração que “não se deve esquecer as questões prévias a colocar no início das entrevistas, tais como a explicitação do objeto de trabalho, a valorização do papel do entrevistado no fornecimento de informações considerando o seu estatuto de informador privilegiado, a duração e a licença para gravar, etc.” (Guerra, 2006), bem como o reforço do seu anonimato.

As entrevistas, marcadas com antecedência, foram feitas nos meses de junho e julho de 2021, online, via Zoom³². As entrevistas tiveram a duração média de trinta minutos cada.

As entrevistas foram gravadas e, mais tarde, transcritas, porque, segundo Fortin (2003: 249), “os dados registados devem ser transcritos antes da análise. A análise dos dados colhidos durante as entrevistas consiste essencialmente em proceder a uma análise de conteúdo”.

Foi efetuada uma análise de conteúdo e comparação entre respostas, com o objetivo de identificar informações novas e padrões de resposta entre os intervenientes de modo a

³² [https://en.wikipedia.org/wiki/Zoom_\(software\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Zoom_(software))

validar a investigação a partir das questões colocadas nas entrevistas, porque, para Guerra (2006: 62), “a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo”.

No próximo capítulo, será realizada a apresentação e a discussão dos resultados obtidos nas entrevistas.

Apresentação e Discussão de Resultados

4.1. Apresentação e Análise de Conteúdo

Após a realização das seis entrevistas, procedeu-se à sua transcrição e análise do conteúdo. Esta teve como objetivo identificar informações e elementos comuns a partir de questões colocadas nas entrevistas. Para Guerra (2006: 62), “a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo”.

Assim, neste trabalho utilizou-se a abordagem temática da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), procurando, interpretar os conteúdos explícitos das entrevistas, de modo a captar diferenças e semelhanças entre as verbalizações dos entrevistados, comparando-os e interpretando-os (Bardin, 2011).

Para Bardin (2011), “a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: a pré-análise, a exploração do material e tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação”.

A primeira fase esta relacionada com a leitura e transcrição das gravações das entrevistas, estabelecendo-se o percurso a seguir (Bardin, 2011). Inclui-se, aqui, a primeira leitura das recolhas efetuadas junto dos entrevistados, que foram analisadas. Os temas que se repetem com muita frequência nas transcrições das entrevistas foram selecionados “do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidades de codificação para o registo dos dados” (Bardin, 2011, p.100) e foram utilizados para aprofundamento teórico.

Na segunda fase, para os temas e categorias, foram utilizados temas relacionados com as perguntas que se encontram no guião de entrevistas (Anexo A). Assim, foi possível dividir, para a terceira fase, as categorias / temas necessários para a interpretação dos dados obtidos.

Na terceira fase e com a codificação escolhida, o passo seguinte foi a criação de uma tabela – Tabela 1, onde se apresentam os temas, as respostas base diretas e citações/res-

postas de justificação dos entrevistados, que foram mais amplamente apresentadas na discussão. Como resultado, foi possível ver que existem temas em que os entrevistados concordaram mutuamente e outros cujas opiniões diferem.

Existiu a necessidade de dar significado aos resultados e validá-los com informação e documentos externos às entrevistas. Durante a interpretação dos dados, foi necessário voltar aos marcos teóricos desta investigação, porque a interpretação da informação recolhida necessitou de uma fundamentação teórica.

Temas	Respostas base	Exemplos de Verbalizações
Recetividade dos jovens mais vulneráveis à influência dos Média.	A1: Muita. A2: Muita. A3: Muita. B1: Sim. B2: Sim. B3: Grau elevado.	A1: “(...) os jovens passam muito tempo nas redes sociais e isto acaba por ter alguma influência no seu comportamento (...); A2: “Quanto mais vulnerável o jovem está, mais influenciado é.”; A3: “O grau de vulnerabilidade dos jovens aumenta a recetividade à influência dos Média.”; B1: “(...) os média, em geral, têm um papel na vida das pessoas.”; B2: “A ficção é a maior forma de entretenimento desta geração.”; B3: “É uma preocupação que existe.”.
Censurar produtos audiovisuais de ficção.	A1: Depende. A2: Depende. A3: Não. B1: Não. B2: Não sabe. B3: Não.	A1: “Creio que varie muito consoante a idade dos jovens e a maturidade mental dos mesmos.”; A2: “Depende de que maneira esses conteúdos são abordados e qual o objetivo.”; A3: “O discurso, em ficção, deveria obedecer a uma modelação apropriada aos públicos e seu grau de vulnerabilidade – a comunicação só será eficiente e socialmente inclusiva se respeitar as características particulares do recetor e este compreender a mensagem.”; B1: “Censura não pode ser utilizada.”; B2: “Quando se começa a proibir determinados temas, isto pode resvalar para outras situações.”; B3: “Não é necessariamente positivo não se falar sobre os assuntos. Independentemente do público ser sensível ou não, há formas de falar sobre o suicídio que não o glorifique.”.
Suicídio pode ser diminuído pelo controlo da produção do conteúdo televisivo.	A1: Sim. A2: Não. A3: Sim. B1: Depende. B2: Sim. B3: Sim.	A1: “Sempre se pode passar a imagem cinematográfica de uma forma mais coerente e mais cuidadosa.”; A2: “Gostaria que fosse, mas acho que não.”; “Tem a ver com as estruturas da personalidade, com o contexto envolvente e com os gatilhos ao longo do desenvolvimento do jovem.”; A3: “Se a comunicação for consistente, em termos de conteúdo informativo positivo e direcionado, junto dos públicos mais vulneráveis, abre-se uma janela de oportunidade para a educação.”; B1: “A ficção produz efeitos negativos como positivos. É uma fonte de informação, que será usada de

		<p>formas diferentes.”;</p> <p>B2: “Questões de enquadramento e da não glorificação do suicídio e evitar situações que sejam demasiado gráficas.”;</p> <p>B3: “A produtora tem atenção às queixas e abraçam isso com responsabilidade.”.</p>
Responsabilidade dos produtores televisivos.	<p>A1: Sim.</p> <p>A2: Não.</p> <p>A3: Sim.</p> <p>B1: Sim.</p> <p>B2: Sim.</p> <p>B3: Sim.</p>	<p>A1: “Esses sim, têm uma responsabilidade acrescida. Creio que todos nós, como membros de uma sociedade, devemos ter essa obrigação.”;</p> <p>A2: “Quando se fala de produtores de ficção, nem acho que eles tenham muito conhecimento sobre isso”; “Procuram que as suas séries tenham audiências”; “Não têm formação de base.”;</p> <p>A3: “A responsabilidade é transversal a todos os atores na sociedade, incluindo os produtores. O desenvolvimento de critérios de produção, a formação e sensibilização, a regulamentação e fiscalização pode ser o caminho – não para a censura – mas para a modelação útil dos discursos e uma participação dos Média em contexto social.”;</p> <p>B1: “As séries de ficção podem recorrer a consultores para ajuda na sua construção.”;</p> <p>B2: “Os produtores devem avaliar o impacto que os temas que estamos a tratar podem ter junto das camadas mais sensíveis e vulneráveis.”,</p> <p>B3: “Têm a responsabilidade e a sensibilidade.”.</p>
Campanhas de prevenção ao suicídio adequadas.	<p>A1: Sim.</p> <p>A2: Não.</p> <p>A3: Não.</p> <p>B1: Sim.</p> <p>B2: Sim.</p> <p>B3: Sim.</p>	<p>A1: “Através de instituições dentro da área e de ajuda parental.”; “Serem o <i>Know How</i> de quem já trabalha na área, e terem a expertise, de quem trabalha com conteúdo audiovisual. É uma <i>Win Win Situation</i>.”;</p> <p>A2: “Tudo o que seja uma problemática da saúde mental, onde está o suicídio, a automutilação, previne-se, não falando sobre o assunto, mas através das áreas saudáveis dos jovens. Ou seja, investir na promoção da parte saudável do jovem. Acredito mais em grupos de jovens que se interajuda.”;</p> <p>A3: “Mais do que campanhas preventivas, as estratégias devem passar pela integração da problemática no contexto da educação, na estrutura da sociedade, e do desenvolvimento da empatia a partir da infância.”;</p> <p>B1: “Uma entejuda entre entidades oficiais públicas e privadas.”;</p> <p>B2: “A ficção tem esta possibilidade (...) em parceria fazer outro tipo de atividades.”;</p> <p>B3: “Todas as campanhas dependem de questões protocolares e isso passa à margem das equipas de escrita e do processo criativo. Tem de haver vontade de ambos os lados, mas seria muito positivo.”</p>
Incorporação de discurso preventivo, gerador de reforço positivo por parte dos média.	<p>A1: Sim.</p> <p>A2: Sim.</p> <p>A3: Sim.</p> <p>B1: Sim.</p> <p>B2: Sim.</p> <p>B3: Sim.</p>	<p>A1: “(...) fazendo o que a Netflix fez, passando os links de ajuda, mas também, como mencionei anteriormente, fazendo campanhas sociais com organizações, abordando de forma coerente e responsável, um tema tao importante como o Suicídio na Juventude.”;</p> <p>A2: “Com a divulgação de projetos, de estruturas e</p>

		<p>ideias de jovens. Pegar em jovens e fazer programas com eles. Pô-los a pensar: como podem resolver problemas com outros jovens. Os jovens são a melhor resposta para ajudar os seus pares.”;</p> <p>A3: “Esse discurso tem que ser transversal, em todos os Média, e na sociedade, para alcançar coerência e logo, o objetivo.”;</p> <p>B1: “Se pensarmos numa população mais vulnerável, os média têm um papel importante. Os média podem exercer o papel de reforço positivo (...) no sentido de orientar comportamentos.”;</p> <p>B2: “O objetivo de uma série pode ser puramente educacional.”; “Podemos olhar para a ficção como uma forma de vivermos experiências externas em segurança.”;</p> <p>B3: “Não é descabido um canal português, como a RTP, pedir uma série como o 13 Reasons Why.”; “Haver uma relação mais estreita entre a equipa criativa e profissionais/consultores da área em estudo.”.</p>
--	--	---

Tabela 1

Durante a análise das entrevistas, quatro temas foram alvo de aprofundamento, como a censura, a consultadoria às produtoras, as campanhas de prevenção e como uma série televisiva poderá ser educacional. Estes quatro temas correspondem às perguntas 2, 4, 5 e 6 do Guião de Entrevistas Semiestruturadas (Anexo A).

Foi realizada a discussão entre as respostas dos entrevistados com pesquisa posteriormente realizada, face às respostas obtidas nas entrevistas.

4.2. Discussão dos Resultados

4.2.1. Censura Audiovisual

A censura pode ser definida como “a condenação, crítica ou reprovação social; um exame crítico de obras, espetáculos ou publicações segundo critérios morais ou políticos e exercício do poder de autorizar ou não a sua exposição ou publicação; repressão”³³.

“Tem de haver uma comunicação saudável e não uma proibição de conteúdo. Não se deve transformar um assunto em tabu.”, foi a resposta de B3 à segunda pergunta do guião, relativamente ao ato de censurar conteúdos audiovisuais que tenham como base ou se relacionem com o suicídio/automutilação.

³³ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/censura>

No contexto, o artigo 37º da Constituição Portuguesa³⁴ (ponto um e dois, respetivamente), esclarece que:

“Artigo 37.º

Liberdade de expressão e informação

1. Todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, bem como o direito de informar, de se informar e de ser informados, sem impedimentos nem discriminações.
2. O exercício destes direitos não pode ser impedido ou limitado por qualquer tipo ou forma de censura.”

Para A1, “a censura não é o melhor caminho” e para B1, “a censura não pode ser utilizada (...). Há regras locais, há regras europeias, pensando apenas na Europa ou mesmo fora da Europa, para a veiculação de conteúdos de ficção.”, porque “quando se começa a proibir determinados temas, isto pode resvalar para outras situações” (B2).

Contudo, alguns dos entrevistados sugeriram que o suporte parental e a promoção de uma maior literacia quanto aos média, poderão constituir uma mais-valia e aumentar a compreensão dos conteúdos audiovisuais, reduzindo o impacto que, eventualmente, possa advir de algum comportamento menos positivo: “pode partir de casa, dos pais ou dos tutores, que pode ser exercido com a limitação do acesso a determinados conteúdos. Esses conteúdos também estão classificados para maiores de X idade, isso pode ser indicativo de que contém imagens que podem de alguma forma ferir alguma suscetibilidade (...) e fala-se muito na questão da literacia mediática. Na importância de formar para a desconfiança. Para a compreensão daquilo que estamos a ver.” (B1)

Assim, como A3 declarou: “O discurso, em ficção, deveria obedecer a uma modelação apropriada aos públicos e seu grau de vulnerabilidade – a comunicação só será eficiente e socialmente inclusiva se respeitar as características particulares do recetor e este compreender a mensagem.”.

Quando um conteúdo é produzido, dando como exemplo, a série *13 Reasons Why*, tem de se basear numa “regulamentação de conteúdo e de criação preventiva” (B3).

³⁴ <https://www.parlamento.pt/Legislacao/paginas/constituicaoorepublicaportuguesa.aspx#art70>

“O controlo é o mesmo que a censura. (...) Pelo controlo não, mas sim pelo diálogo debatido.” (B3) Existe uma “relação entre produtoras e clientes, que são canais de televisão, que precisam de conteúdo e que contratam produtoras para produzir esse conteúdo” (B3). “Uma série encomendada, já com um objetivo (...) a liberdade é condicionada”. Mas não é censurada. Tem tudo a ver com “questões de enquadramento e da não glorificação do aumento de situações que sejam demasiado gráficas” (B2).

Sendo a ficção ela própria um canal de informação, será necessária a acrescida sensibilização face a assuntos relacionados com a saúde mental e a juventude: “A ficção pode ser um mapa que nos ajuda, do ponto de vista do comportamento, a tomar decisões ao longo da nossa vida. Serve como exemplo, através das personagens. Podemos olhar para a ficção como uma forma de vivermos experiências em segurança.” (B2).

Contudo, o livro em que se baseou a série *13 Reasons Why*, quando foi publicado em 2007, foi, desde o início, alvo de algum tipo de censura. Nos EUA, por exemplo, no distrito do Colorado, as escolas proibiram o livro, dizendo que exaltava ao suicídio³⁵. Outro exemplo, já em relação à série televisiva, foi quando a Nova Zelândia proibiu menores de 18 anos de assistir a dramas suicidas sem a presença de adultos³⁶.

4.2.2. Consultoria especializada às produtoras

As formas pelas quais as questões sociais são enquadradas na ficção televisiva são indiscutivelmente dignas de um estudo sério. As histórias das séries de televisão alcançam grandes públicos e são discutidas em diferentes formatos dos média, desde notícias de televisão e imprensa até revistas e sites na internet. As séries de televisão são um dos veículos de informação que retratam questões polémicas ou socialmente sensíveis, como a série *13 Reasons Why*.

Para a sua produção, “as séries de ficção podem recorrer a consultores para ajudar na sua construção”, como B1 afirmou. Como os produtores, realizadores e argumentistas “não têm formação de base.” (A2), “os produtores devem avaliar o impacto que os temas que estamos a tratar podem ter junto das camadas mais sensíveis e vulneráveis.” (B2).

³⁵ <https://www.teenvogue.com/story/colorado-school-district-briefly-banned-13-reasons-why-book>

³⁶ <https://www.theguardian.com/world/2017/apr/28/13-reasons-why-new-zealand-bans-under-18s-from-watching-suicide-drama-without-adult>

Como a série *13 Reasons Why* está ligada à saúde mental, B2 declarou que “trabalhar em conjunto com profissionais de saúde que possam aconselhar da melhor forma estes assuntos. Profissionais que trabalhem de perto dessas comunidades mais vulneráveis, que possam ajudar a compreender os mecanismos que nos levem a evitar a glorificação do comportamento.”.

“As produções, normalmente, querem, sempre, temas polêmicos. Do ponto de vista criativo, são mais interessantes.” (B3). Todavia, quando se fala sobre saúde, mental ou não, “todas as séries médicas que nós temos, quem escreve tem de estar dentro dos limites da possibilidade. Sempre atendendo a que a ficção, mais do que registrar a realidade, ela quer ser verosímil. Isto quer dizer o quê? Isto é possível acontecer na realidade? Se sim, mesmo que seja completamente insólito, a ficção pode ir por aí. A não ser que seja algo que há pouco dizia, sobrenatural, que aí é noutra esfera, que não procura ser... pode de alguma forma, metaforicamente, tentar mostrar o nosso dia a dia de uma forma metafórica. Mas pensando nas séries médicas, tem de haver esse acompanhamento.” (B1).

Toda a equipa de realização, tem de conseguir “passar a imagem cinematográfica de uma forma mais coerente e mais cuidadosa.” (A1).

A Dra. Rona Hu³⁷ foi uma das consultoras psiquiátricas na série *13 Reasons Why*. Em entrevista³⁸ para a news.com.au, a psiquiatra argumentou que o programa pode ajudar a facilitar debates importantes sobre o suicídio e a automutilação.

Durante a entrevista realizada, explicou que “é bom conversar com os adolescentes sobre o que leem, o que assistem, a música que ouvem e, claro, o que está a acontecer nas suas vidas e com os seus amigos”, bem como “uma conversa pode conduzir a outra. Um adolescente que foi testemunha de *bullying* pode ser capaz de se abrir mais facilmente ao falar sobre uma personagem fictícia”.

A Dra. Hu comentou que ela foi uma das várias especialistas em saúde mental consultadas durante o processo de escrita e produção da série, sobre como executar as questões abordadas na mesma, que incluíam, também, temas como o *bullying*, identidade sexual e violência doméstica.

³⁷ <https://profiles.stanford.edu/rona-hu>

³⁸ <https://www.news.com.au/entertainment/tv/netflix-defends-13-reasons-why-amid-suicide-controversy/news-story/d61b65cef56631c74833b0a8a99a506c> (as transcrições desta entrevista em vídeo foram realizadas e traduzidas pela autora da dissertação)

“Como psiquiatra, fiz sugestões para refletir as muitas experiências dos jovens que tenho acompanhado no meu trabalho clínico. Há muito estigma e vergonha em se falar sobre questões relacionadas com a saúde mental. Havia um desejo real de aumentar a consciencialização, fazer com que os adolescentes em sofrimento soubessem que não estão sozinhos e ajudar a iniciar conversas honestas. O suicídio é um problema muito importante e esperamos que, ao lançar uma luz sobre este importante tópico, isso facilite algumas discussões que possam salvar vidas.”, acrescentou a Dra. Hu, nessa mesma entrevista.

A Dra. Hu acrescentou ainda que, “embora mais pais do que crianças estejam abertos a esse tipo de discussão, existem técnicas para preencher a lacuna entre as gerações. Os adolescentes podem ficar preocupados que os seus pais os critiquem ou os julguem, então, tente ouvir primeiro, sem julgar. Perguntas sem respostas sim / não ou 'certas' são menos intimidantes. Um bom começo de conversa poderia ser: se pudesses falar com uma das personagens, quem seria e o que lhe dirias?”.

Para ajudar os adolescentes e jovens adultos mais vulneráveis e com dificuldades em comunicar os seus problemas, a Netflix criou um site *wannatalkaboutit*³⁹, também disponível em português. Este site contém informação sobre o que é a violência e abuso sexual, sobre a saúde e bem-estar mental, sobre a automutilação e o suicídio. Disponibiliza, também, contactos de ajuda como o “Telefone da Amizade” e o “SOS Voz Amiga”.

4.2.3. Séries educacionais

Algumas séries têm como objetivo principal o entretenimento, mas podem, contudo, conter conteúdo educacional. O conteúdo educacional pode ser inerente à estrutura da série, como no caso de séries sobre medicina em que o enredo explora questões anatómicas e biológicas. Um exemplo de uma série desse género é *Grey's Anatomy*⁴⁰.

No caso de *13 Reasons Why*, a série fala sobre o suicídio e a automutilação, como explicado anteriormente. Como tal, usa a relação parental e a amizade para explicar e educar, adolescentes visualizadores da série, sobre estes temas mais sensíveis e como poderão reagir caso aconteça algo assim nas suas vidas⁴¹.

³⁹ <https://www.wannatalkaboutit.com/pt/>

⁴⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/Grey%27s_Anatomy

⁴¹ <https://www.magazine-hd.com/apps/wp/treze-razoos-analise/>

“Os argumentistas vivem numa determinada sociedade e quando escrevem, há um reflexo sobre essa sociedade, mas, também, não deixa de haver um desejo do que é que aquela sociedade possa vir a ser. Quando escrevemos, há sempre uma visão, opinião política do mundo. Vemos o mundo de uma determinada forma.”, como verbalizou B2. Para B2, “quando o objetivo é educacional” haverá “uma restrição na criatividade, um produto mais condicionado”.

Para B3, “não é descabido a RTP⁴² pedir uma série tipo *13 Reasons Why*, que seja focada neste tema. Existirá uma relação mais estreita entre a equipa criativa e profissionais da área”.

Algumas séries de televisão são elaboradas com objetivos principalmente educacionais em mente, embora possam depender muito do entretenimento para comunicar mensagens educacionais.

Por isso, aqui podemos adicionar a ajuda parental em casa, relativamente a que séries ver e o acompanhamento prestado aos jovens: “falando em jovens, tem a ver com o controlo parental, e quando digo controlo não é censura e limitação cega, mas sim é uma orientação. Por exemplo, a minha filha vai fazer 13 anos, pede-me para ver determinadas séries e há séries que eu vejo com ela. Como *Riverdale*⁴³ ou *Stranger Things*⁴⁴. Há aqui graus diferentes que se pode considerar violência ou não violência nos conteúdos inapropriados atendendo à idade. Mas eu, ou não deixo ver, ou vejo com ela. Porque se surgir alguma dúvida eu posso esclarecer.” (B1).

As séries de televisão fazem parte da cultura de assistir televisão. Pode ficar claro para muitos adultos que nem tudo é “real” no mundo das séries de televisão. Porém, como é que as crianças e adolescentes entendem o mundo destas séries? Como é que uma série poderia ensinar aos adolescentes, em particular, sobre o que é valorizado no mundo real? E como isso afeta as suas atitudes, crenças, autoimagem e comportamento?

A associação americana, de Boston, The Clay Center of Young Healthy Minds⁴⁵ que se “dedica a apoiar e promover o bem-estar mental, emocional e comportamental dos

⁴² <https://www.rtp.pt/>

⁴³ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Riverdale_\(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Riverdale_(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o))

⁴⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/Stranger_Things

⁴⁵ <https://www.mghclaycenter.org/>

jovens”⁴⁶, escreveu uma notícia sobre o controlo parental face ao impacto da televisão nos adolescentes⁴⁷ e oferecem algumas “dicas” para os pais:

- a) “Assista a uma ou mais séries com seu filho adolescente: primeiro, pergunte quais as séries que o seu filho está a ver no momento e, em seguida, determine quais as séries que são apropriadas para a idade e maturidade do seu filho. Pode ser que você decida que um adolescente de 13 anos, não deve assistir a certos programas que permitiria a um adolescente de 16 anos. Se introduzir “regras de TV” na sua casa, considere assistir aos programas sozinho antes de determinar quais são os apropriados para o seu filho. Ao assistir a uma série com seu filho, fique à vontade para fazer afirmações ou fazer perguntas.”;
- b) “Faça uma declaração clara sobre a realidade das séries televisivas: isso é importante, pois as crianças precisam saber que, embora as séries pareçam ser “realidade”, é uma realidade desvirtuada da realidade do mundo e da própria realidade do jovem. No entanto, tem impacto e, como muitas séries de televisão, pode servir de base para a imitação. Exemplo: “Sabes que essas séries não são reais. Elas parecem-se com a vida real, mas são escritas como qualquer outro programa.”;
- c) “Descubra o que o seu filho pensa que é real: inicie uma conversa para avaliar como o seu filho vê as séries de televisão. Não há como saber o que ele pensa, a menos que lhe pergunte. Você pode fazer essas perguntas sobre as séries em geral ou sobre um programa específico que o seu filho está a ver. Exemplos: peça ao seu filho para descrever o que está a acontecer na série para ter uma noção de como ele pensa que as pessoas são e agem. O que é bom ou mau sobre alguns dos comportamentos das personagens? O seu filho acha que as pessoas agem na vida real como fazem nas séries? Em caso afirmativo, o que é que o seu filho viu entre os seus colegas ou adultos que se assemelha ao que está a ver na televisão?”;
- d) “Descubra se as imagens da televisão afetam a autoimagem e os valores do seu filho: a realidade da televisão e a cultura popular podem ditar o que é “popular” e o que significa ser aceite. Descubra se o seu filho está a imitar valores retratados nas séries. Exemplos: o seu filho tem inveja do estilo de vida dos personagens? Há alguma coisa que ele mudaria em si mesmo ou gostaria de fazer depois de ver

⁴⁶ <https://www.mghclaycenter.org/about-us/center-goals/>

⁴⁷ <https://www.mghclaycenter.org/parenting-concerns/teenagers/impact-reality-tv-teens-can-parents/>

um programa específico? Quais os valores que estão a ser exibidos na série? Quais são os valores do seu filho?”;

- e) “Converse com o seu filho sobre porque é que ele gosta de certas personagens: pode ser esclarecedor descobrir por que o seu filho gosta ou não gosta de certas personagens. Isso pode indicar quais os valores que o seu filho pode ou não estar a refletir. Exemplos: Que conexões é que ele está a fazer entre ele e as personagens da série? Porque é que o seu filho acha certas personagens atraentes? Explore se essa personagem é realmente admirável ou se há algo mais que o faz parecer popular. Essa personagem é um bom modelo? O seu filho gostaria de se comportar de forma semelhante a essa personagem? Quem é um bom modelo?”;
- f) “Pergunte ao seu filho adolescente que séries é que os amigos dele veem: a maioria das crianças assiste aos mesmos programas, pois isso permite um tema comum para uma conversa. Pergunte-lhe sobre as reações dos amigos a certas séries, episódios e / ou comportamentos. Exemplos: o que os amigos dele acham da série? Será que os amigos gostariam que ele agisse como as personagens? Ele gostaria que os amigos agissem de maneira diferente?”;
- g) “Ajude o seu filho a desenvolver respostas críticas ao que ele observa na televisão: falar para a televisão e comentar quando algo parece irreal pode ajudar o seu filho a desenvolver habilidades críticas. Use os intervalos comerciais para discutir esses elementos ou pause o programa quando quiser conversar. Pergunte ao seu filho: O que está a acontecer aqui? Qual é a mensagem nesta cena da série? Se o seu filho não conseguir responder, pode dizer: vejo pessoas a serem realmente ego-cêntricas e vaidosas ou desagradáveis com um amigo. O seu comentário pode ajudar a iniciar uma conversa sobre o conteúdo da série, a qualquer momento.”.

Embora o conteúdo das séries televisivas possa fornecer entretenimento de alta qualidade, é importante estar ciente das mensagens e valores que esses programas costumam retratar, direta ou subliminarmente. Mais importante, é essencial estar consciente do que o que os adolescentes estão a ver nas televisões, computadores e telemóveis, para que os pais, ou qualquer outro adulto, possam ajudá-los a reconhecer e processar os valores distorcidos da realidade da televisão.

4.2.4. Campanhas de prevenção ao suicídio

Em 2013, em Portugal, foi criado o Plano Nacional de Prevenção do Suicídio. Em 2019, este começou a fazer parte do Programa Nacional para a Saúde Mental, que tem como foco a “diminuição e luta contra o estigma da doença mental, na uniformização da terminologia dos atos suicidas e também na intervenção em determinados grupos de risco, como os jovens e os idosos. Uma das prioridades é a sensibilização e capacitação dos indivíduos da comunidade para a prevenção do suicídio, nomeadamente os designados porteiros sociais (indivíduos que, como parte de sua rotina habitual, têm contacto próximo com um grande número de membros da sua comunidade, como aqueles que trabalham em serviços de atendimento ao público).”⁴⁸.

“Os seus desafios são: a) alcançar a população: desenvolvimento de uma campanha multicêntrica liderada pelo Programa Nacional para a Saúde Mental, assente na ação coordenada de entidades parceiras a nível local e regional; b) Mudar atitudes em relação ao suicídio e à doença mental: disponibilizar informação à comunidade para aumentar a literacia em saúde mental e lutar contra o estigma; c) promover mudanças na sociedade: incentivo ao pedido de ajuda pela pessoa em risco ou por terceiros, preparar os profissionais de saúde para a deteção precoce da doença mental e avaliar a pessoa em risco.”⁴⁹

O suicídio, “é um problema de saúde pública que representa um grande desafio em todo o mundo. Em Portugal, cerca de três pessoas morrem por suicídio a cada dia, e muitas mais tentam fazê-lo. Este fenómeno não escolhe classes, género, idade ou região geográfica; (...) três projetos que integram já a rede de parcerias do Plano.: setembro mês da prevenção do Suicídio, vocacionada para a prevenção na comunidade e promovida pela ARIS Planície, no Alentejo, o estudo sobre a Prevenção do Suicídio na Rede Ferroviária Nacional, desenvolvido pela Sociedade Portuguesa de Suicidologia, e o Plano de Prevenção do Suicídio que a Universidade do Porto promove junto da população académica.”⁵⁰.

Não existem campanhas ou programas sobre o suicídio direcionadas para os jovens em geral. Para a criação dessas campanhas de prevenção, B1 verbalizou que “tem de haver aqui uma entreatajuda entre entidades oficiais, públicas e até privadas. Depende de quem parte a campanha. De onde parte a campanha. Normalmente, partem de identidades

⁴⁸ <https://prevenirsuicidio.pt/sobre/>

⁴⁹ idem

⁵⁰ <https://www.sns.gov.pt/noticias/2020/09/10/prevencao-do-suicidio-2/>

oficiais, quer seja da própria Direção Geral da Saúde, quer seja de uma associação particular. Aqui tem de envolver várias entidades (...) como por exemplo, a Associação de Famílias Numerosas ou associações de jovens que padecem de alguma condição... escolas, e se formos a um ponto de vista mais alto, em termos institucionais, temos o próprio Ministério da educação.”.

Para B2, “a ficção tem esta possibilidade. Uma estação de televisão, ou plataforma, depois continuar noutros meios. Seja na internet, no contacto direto, nas escolas. Haver sempre um enquadramento da temática. Pode-se fazer extras que acompanhem a série e que levem ao debate. E em parceria, fazer outro tipo de atividades.”

Para B3, “todas as campanhas dependem de questões protocolares e isso passa à margem das equipas de escrita e do processo criativo. Tem de haver vontade de ambos os lados, mas seria muito positivo.”. Em seguimento, A1 verbalizou “que existindo já essas instituições, penso que os produtores, não precisam de estar a inventar a roda, mas podem, perfeitamente, juntarem-se às instituições que já existem, ou mesmo organizações de sociedade civil, que estejam já a trabalhar nessas áreas, e podem com eles, se calhar, fazer campanhas que serão mais bem-sucedidas, por terem estas duas valências. Serem o *know how* de quem já trabalha na área, e terem a expertise, de quem trabalha com conteúdo audiovisual. É uma *win win situation*.”.

Todavia, a opinião de A2 e A3 varia dos intervenientes da área da comunicação. Para A2, “tudo o que seja uma problemática da saúde mental, onde está o suicídio, a automutilação, previne-se, não falando sobre o assunto, mas através das áreas saudáveis dos jovens. Ou seja, investir na promoção da parte saudável do jovem. Acredito mais em grupos de jovens que se interajuda.”. E para A3, “mais do que campanhas preventivas, as estratégias devem passar pela integração da problemática no contexto da educação, na estrutura da sociedade, e do desenvolvimento da empatia a partir da infância.”.

Para A2, “as escolas podiam ter um papel fundamental. Continuam, ainda, a incidir em conteúdos e matérias escolares, em vez de apostar, no desporto, que é uma área protetora da saúde mental na adolescência, como as artes e a música. Estes jovens vulneráveis são jovens muito sensíveis e que se arranjassem outro modo de se expressarem, pela literatura, pela música, etc., poderíamos estar a potenciar áreas positivas.”; “Com a divulgação de projetos, de estruturas e ideias de jovens. Pegar em jovens e fazer programas com eles. Pô-los a pensar: como podem resolver problemas com outros jovens. Os jovens são

a melhor resposta para ajudar os seus pares.”; “A escola podia ser um veículo de projetos maravilhosos. As taxas iriam acabar por baixar.”.

Para A3, “a compreensão, por parte das crianças, logo a partir da mais tenra idade, da forma como as suas emoções se constroem, de como se desenvolve o pensamento complexo, a construção de uma relação com o meio sensitivo que as rodeia, os seus pares; e a aquisição de ferramentas de desenvolvimento como a empatia e otimismo, são caminhos fundamentais a um sistema educativo que pretenda, mais do que formar indivíduos para cumprir uma função, auxiliar na construção de uma sociedade que se permita ser saudável, consciente de si, numa atmosfera de segurança e crescimento positivo. Mais do que prevenir, que significa a aceitação da continuidade do problema e tentar remediá-lo, será necessário educar para a compreensão e natural construção do vínculo empático de cada um com cada um e de cada um com todos. Enquanto remediamos é importante que acreditemos que podemos ser melhores seres, uma melhor massa humana, uma família que cuida dos seus, desde que nascem.”.

CAPÍTULO 5

Notas Finais

A controvérsia sobre a série *13 Reasons Why* demonstra até que ponto persiste a preocupação de que os suicídios fictícios, apresentados nos média, podem induzir a comportamentos imitativos de automutilação entre adolescentes e jovens adultos. Profissionais de saúde, investigadores de saúde pública e promotores de políticas especializadas têm prestado uma atenção significativa ao suicídio, mas até o momento não há evidências claras da influência do conteúdo ficcional na automutilação/suicídio.

A relação entre a ficção e o mundo real⁵¹ é moderada pela natureza do conteúdo, pelas suas características e influências sociais do indivíduo exposto aos média.

As causas do nosso desespero são muito mais complexas do que uma explicação tão simples quanto os efeitos dos média podem explicar. Portanto, independentemente de a ficção romantizar o suicídio, as perguntas que devem ser feitas são sobre as responsabilidades morais e os deveres éticos que os produtores têm ao criar um conteúdo polémico desenvolvido para um público jovem. Para resolver essa lacuna, esta dissertação lista alguns dos princípios essenciais de ética e das obrigações morais de um produtor, lista esta que decorre não apenas da revisão da literatura, mas principalmente do cruzamento dessa revisão com os resultados da análise das entrevistas realizadas no trabalho de campo. Pretende-se que sejam sugestões úteis para futuras investigações teóricas e questões éticas adicionais sobre a representação e receção do sofrimento distante. Os produtores têm a responsabilidade moral de desenvolver diretrizes éticas⁵² e apoiar os telespectadores por meio de uma campanha adequada de prevenção, especialmente para os grupos que possam ser ou estar mais vulneráveis. Ao mesmo tempo, pais, educadores e profissionais de saúde devem ter um papel junto das empresas de *streaming* e de comunicação, ajudando a produção televisiva a tomar as decisões certas para o seu público (Henderson, 2018).

⁵¹ https://greatergood.berkeley.edu/article/item/how_reading_fiction_can_shape_our_real_lives

⁵² <https://www.publico.pt/2020/08/15/culturaipilon/noticia/tabu-desmistificacao-saude-mental-ficcao-televisiva-1927159>

Esta pesquisa permite afirmar que, de alguma forma, a série *13 Reasons Why* pode ser uma mais-valia para o mundo juvenil porque ajuda os jovens a articular as suas perceções ao visualizar um conteúdo polémico. As questões difíceis retratadas ocorrem em escolas e comunidades e é importante que os adultos ouçam, levem as preocupações dos adolescentes a sério e estejam dispostos a oferecer ajuda. A série é fictícia, mas é extremamente identificável, porque lança luz sobre questões com as quais nos podemos relacionar. Uma lição que a série transmite é o facto de que não conhecemos a vida privada das pessoas que nos rodeiam e que todos nós passamos por momentos difíceis na vida.

A análise realizada neste trabalho permite-nos avançar com a hipótese de que séries de ficção como *13 Reasons Why* podem contribuir para ajudar os jovens a ser gentis, amáveis e a desenvolver sentimentos de compaixão e empatia pelo próximo.

Referências Bibliográficas

- Alao, A. S. (2006). Cybersuicide: review of the role of the internet on suicide. *9*(4), pp. 489–493.
- Almeida, A. F. (2000). Efeito de Werther. *18*(1), pp. 37-51.
- Arendt, F. S. (2017). Suicide on TV: minimising the risk to vulnerable viewers. p. 2.
- Ayers, J. A. (2017). Internet searches for suicide following the release of 13 Reasons Why. *177*(10), pp. 1527–1529.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Beautrais, A. L. (1999). Risk factors for suicide and attempted suicide among young people. p. 422.
- Bogdan, R. C. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bozza, T. C. (2016). O uso da tecnologia nos tempos atuais: análise de programas de intervenção escolar na prevenção e redução da agressão virtual. pp. 26-29.
- Brückner H., U. M. (2005). De-Standardization of the Life Course: What it Might Mean? And if it Means Anything, Whether it Actually Took Place? *Advances in Life Course Research*, *9*, pp. 27-53.
Obtido de https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1040260804090021?casa_token=kXAcYYF_iukAAAAA:MDG0FDWKDYf8ETC44hOL36743RyEBBX7o6IphP_Bq9CB6IDYyvwam_muEf4XguvSaWocVFKE6O8
- Campo, J. B. (2018). Exploring the impact of 13 Reasons Why: looking for light amidst the heat. *57*(8), pp. 547–549.
- Carmo, H. F. (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Christians, C. R. (2015). Media Ethics: Cases and Moral Reasoning. . p. Part 4.
- Coyle, M. (2002). The importance of ‘morality’ in the social construction of suicide in Scottish newspapers. *24*(6). Obtido de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1467-9566.00314>
- Daolio, E. &. (2009). Os significados e os motivos do suicídio: representações sociais de pessoas residentes em Bragança Paulista. *3*(1), pp. 68-79.
- D'Oliveira, T. (2007). *Teses e Dissertações. Recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos* (2ª ed.). Lisboa: Editora RH.
- Durkheim, E. (2001). *O Suicídio - Estudo Sociológico* (10ª ed.). Presença.

- Foddy, W. (1996). *Como Perguntar: Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras: Celta Editora.
- Fortin, M. F. (2003). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização* (3ª ed.). Loures: Lusociência.
- Ghiglione, R. e. (1993). *O Inquérito – Teoria e Prática* (2ª ed.). Oeiras: Celta Editora.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (5ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Quantitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncipia Editora.
- Guttman, N. (2000). Public Health Communication Interventions: Values and Ethical Dilemmas. p. Chapter 4.
- Henderson, L. (2018). Popular television and public mental health: creating media entertainment from mental distress. *28:1*, pp. 106-117.
- Jacobson, S. L. (2017). Thirteen reasons to be concerned about 13 Reasons Why. *33(6)*, p. 8.
- Knopf, A. (2017). Advice for parents on 13 Reasons Why. *33(S6)*, pp. 1-2.
- Krijnen, T. (2011). Engaging the moral imagination by watching television: different modes of moral reflection. *8(2)*, pp. 52–73.
- Lauricella, A. C. (2018). Exploring How Teens and Parents Responded to ‘13 Reasons Why’: Global Report. Obtido de <https://news.northwestern.edu/stories/2018/march/13-reasons-why/>
- Lopes, R. (2005). O poder dos media na sociedade contemporânea. *4*, pp. 6-9.
- Mueller, A. (2019). hy thirteen Reasons Why may elicit suicidal ideation in some viewers, but help others. (232), pp. 499–501.
- Mueller, A. S. (2015). Suicidal disclosures among friends: Using social networkdata to understand suicide contagion. *56(1)*, pp. 131-148.
- NASP. (2017). *13 Reasons Why Netflix Series: Considerations for Educators*. Obtido de <https://www.nasponline.org/resources-and-publications/resources/school-safety-and-crisis/preventing-youth-suicide/13-reasons-why-netflix-series-considerations-for-educators/13-reasons-why-netflix-series-considerations-for-educators>
- Niederkröthaler, T. V. (2010). Role of media reports in completed and prevented suicide: Werther v. Papageno effects. *197*, pp. 234-243.
- O'Brien, K. K. (2017). A call for social responsibility and suicide risk screening, prevention, and early intervention following the release of the netflix series 13 Reasons Why. *177(10)*, pp. 1418-1419.
- Payne, S. S. (2008). The social construction of gender and its influence on suicide: a review of the literature. *5(1)*, pp. 23–35.

- Pedro, J. C. (2020). Manual para Jornalistas. *Prevenção do Suicídio*, pp. 25-32.
- Phillips, D. P. (1974). The influence of suggestion on suicide: Substantive and theoretical implications of the Werther Effect. *39*(3), pp. 340-354.
- Prats, L. (1987). Aspectos culturais do suicídio. *Psicologia*. 2, p. 181.
- Quivy, R. e. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rosa, G. S. (2019). Thirteen Reasons Why: the impact of suicide portrayal on adolescents' mental health. *108*, pp. 2-6.
- Roths, I. M. (2006). Suicídio juvenil: representações sociais dos médicos e dos psicólogos. pp. 25-40.
- Scocco, P., & Leo, D. d. (2002). One-year prevalence of death thoughts, suicide ideation and behaviours in an elderly population. *17*(9), pp. 842-846.
- Serra, V. i. (2001). Arriscar morrer para sobreviver. Olhar sobre o suicídio adolescente. *4*(19), p. 510.
- Sisask, M. V. (2012). Media roles in suicide prevention: a systematic review. *9*(1), pp. 123–138.
- Stack, S. (2003). Media coverage as a risk factor in suicide. *57*, pp. 238-240.
- Till, B. S. (2018). Determining the effects of films with suicidal content: a laboratory experiment. *207*(1), pp. 72-78.
- Wang, X. (2012). *Media guidelines for the responsible reporting of suicide: A review of effectiveness*. , *33*(4), pp. 190–198.
- Weisman A.D, W. J. (1972). Risk-Rescue Rating in Suicide Assessment. *26*(6), pp. 553–560.
- Wetherall, K. (2017). Comment on the Netflix series 13 Reasons Why. Obtido de <http://www.suicideresearch.info/news-1/commentonthenetflixseries13reasonswhy>
- WHO. (2008). *Preventing Suicide, A Resource for Media Professionals*. World Health Organization .
- Zimmerman, A. C. (2018). Revisiting the Werther effect in the 21st century: bullying and suicidality among adolescents who watched 13 Reasons Why. *57*(8), pp. 610–613.

Anexos

1. Anexo A – Guião de Entrevistas Semi-Estruturadas

Enquadramento	<p>As entrevistas realizadas pretendem dar resposta à seguinte problemática em estudo, considerando como Caso de Estudo a série televisiva <i>13 Reasons Why</i>:</p> <ul style="list-style-type: none">• Qual o papel da ficção televisiva na prevenção do suicídio juvenil?
Entrevistados	<ul style="list-style-type: none">• Técnicos Especialistas de Comunicação e Média (3), Técnicos Especialistas de Saúde (2) e Organização Área Saúde Mental (1).
Entrevistadora	<ul style="list-style-type: none">• Estudante do Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação (Comunicação e Política).
Prazo	<ul style="list-style-type: none">• O prazo foi estabelecido até 15 de julho.
Logística	<ul style="list-style-type: none">• Identificação de entrevistados, através de pesquisa e consulta via internet;• Convite formal a entrevistados, informando do contexto e garantindo a confidencialidade e anonimato da recolha;• Obtenção, da parte do entrevistado, de autorização de gravação de entrevista;• Marcação de reuniões via Zoom (conferência), com gravação áudio.
Duração	<ul style="list-style-type: none">• 30 minutos.
Guião	<p>Dar resposta às cinco questões da investigação:</p> <ol style="list-style-type: none">1. Na sua opinião, qual o grau de recetividade dos jovens mais vulneráveis à influência dos Média?2. Censurar oficialmente produtos audiovisuais de ficção pode ter consequências quando falamos de jovens vulneráveis e de temas como o Suicídio/Automutilação? E se sim, em que sentido?3. Acredita que o risco de automutilação/suicídio pode ser diminuído pelo controlo da produção do conteúdo na ficção televisiva?4. Na sua opinião, terão os produtores a responsabilidade de avaliar com antecedência o potencial impacto que conteúdos sobre o Suicídio/Automutilação têm sobre as pessoas vulneráveis?5. Se sim, devem ou não, apoiar os espectadores, bem como os pais, educadores e profissionais de saúde através de campanhas de prevenção ao suicídio adequadas (implícitas e explícitas), integradas na sua ética de comunicação corrente? E de que forma essas campanhas deveriam ser desenvolvidas? E que entidades deviam apoiar essas campanhas?6. Ainda na sua opinião, podem os Média incorporar, de uma forma mais eficiente, a prevenção ao automutilação/suicídio, através de um discurso construído, gerador de reforço positivo psicológico e emocional junto do adolescente mais vulnerável, participando numa resposta mais positiva do jovem aos diversos desafios com que se depara na sua vida? Se sim, como acha que isso podia ser concretizado?

2. Anexo B – Declaração de Anonimato de Entrevistados



DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE GRAVAÇÃO DE ENTREVISTA E USO DA MESMA PARA FINS ACADÉMICOS

Eu, _____, tendo aceitado ser entrevistado(a) no âmbito da investigação em desenvolvimento por parte de Mariana Pereira, enquanto aluna do Mestrado em Comunicação Cultura e Tecnologias de Informação, do Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE, venho autorizar a gravação da entrevista, atendendo a que o seu conteúdo será utilizado unicamente para fins académicos. Tomo conhecimento de que será preservado o anonimato da recolha e da minha pessoa.

_____, ____ de _____ de 2021

O Entrevistado(a)